

A ADULTIZAÇÃO INFANTIL NA CONTEMPORANEIDADE: AS ESCOLHAS DAS CRIANÇAS

CHILD ADULTIZATIONS IN CONTEMPORARY TIMES: CHILDREN'S CHOICES

Hugo Monteiro Ferreira 1
Fernando Ilídio Ferreira 2
Bruno César de Farias Melo 3

Graduação em Letras. Mestrado em Letras. Doutorado em Educação. 1

Professor Adjunto do Departamento de Educação da UFRPE. Coordenador do Núcleo do Cuidado Humano da UFRPE. Líder do GETIJ - Grupo de Estudos da Transdisciplinaridade, da Infância e da Juventude. Pesquisador na área de saúde emocional e mental de crianças, adolescentes e jovens.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9846855940173584>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4583-831X>.

E-mail: hmonteiroferreira@yahoo.com.br

Professor Associado da Universidade do Minho, Portugal, integrado 2

no Departamento de Ciências Sociais da Educação do Instituto de Educação. Docente do Ensino Superior e docente do Ensino Básico. Doutor em Estudos da Criança, pela UMinho. Mestre em Ciências da Educação, pela Universidade do Porto, e Licenciado em Educação Infantil e Básica Inicial pela UMinho. Membro integrado do Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8548022934019416>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8608-6700>.

E-mail: filidio@ie.uminho.pt

Graduação em Psicologia pela Universidade Católica de 3

Pernambuco. Pós-graduado em Psicologia clínica pela Faculdade Venda Nova do Imigrante. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Integrante do Núcleo do Cuidado Humano da UFRPE e membro do GETIJ – Grupo de Estudos da Transdisciplinaridade, da Infância e da Juventude.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5401362088391662>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3849-1883>.

E-mail: brunocmelo.psi@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta excerto de uma investigação maior cujo objetivo central foi analisar como crianças com idade entre 4 e 5 anos, na medida em que puderam escolher objetos, fizeram escolhas por objetos tidos como de adultos. As justificativas das crianças para as escolhas demonstraram que os critérios utilizados remetem à relação dos meninos e das meninas com práticas consumistas assetadas, de modo geral, em comportamentos adultos. Os procedimentos metodológicos foram realizados a partir de abordagem qualitativa, método de pesquisa-ação, técnica de observação participante. Os dados foram analisados por meio de técnica interpretativa e apontaram que na contemporaneidade estamos diante de questões problemáticas entre as infâncias e práticas de consumo adulto.

Palavras-chave: Adultização. Contemporaneidade. Infância. Escolha.

Abstract: This article presents an excerpt from a larger investigation whose main objective was to analyze how children aged between 4 and 5 years old, insofar as they were able to choose objects, made choices for objects seen as adults. The children's justifications for the choices showed that the criteria used refer to the relationship of boys and girls with consumerist practices based, in general, on adult behaviors. The methodological procedures were carried out from a qualitative approach, action research method, participant observation technique. The data were analyzed using an interpretive technique and pointed out that in contemporary times we are faced with problematic issues between childhood and adult consumption practices.

Keywords: Adultization. Contemporaneity. Childhood. Choice.

Introdução

Não são raros os indivíduos que exigem da criança atitudes precoces de adultos. Sem a mínima consideração pela exígua idade dela, ficam a medir a mente infantil pela própria capacidade. De pronto, ora dão ordens acerbas, ora cobram atenção plena, ora fazem cara feia, caso a criança não corresponda à expectativa. Em suma, comportam-se como se lidassem com gente grande, esquecidos de que já foram eles mesmos crianças (ROTTERDAM, 2008, p.106).

Este artigo apresenta resultados de uma investigação cujo objetivo central foi analisar como as escolhas de crianças, entre 4 e 5 anos de idade, podem remeter aos processos de adultização (ELKIND, 2004; POSTMAN, 2012; LIRA, 2016). Em termos metodológicos, optou-se pelo uso de abordagem qualitativa, pelo método de pesquisa-ação, pela observação participante como técnica de construção de dados e, para análise dos dados, utilizou-se a análise interpretativa (BARTHES, 1999).

O conceito de infância apresentado por Ariès (2014) evidencia que as crianças, em tempos medievais, eram tratadas e comportavam-se como adultos. No entanto, com a chegada da Idade Moderna, emergiu, conforme explica Ariès (2014), um “sentimento de infância” o qual conferiu à criança particularidades, especificidades, nuances, elementos que lhe outorgaram novo *status quo* social. Elkind (2004) e Postman (2012) acreditam que, na contemporaneidade, o “sentimento de infância” tende a desaparecer, visto que as crianças, assim como na Idade Média, têm acesso a todos os elementos pertencentes ao mundo adulto. Assim, a perda da infância gera a adultização (POSTMAN, 2012).

Este artigo analisa como crianças, matriculadas na educação infantil, quando estão diante de escolhas, quando precisam escolher, notadamente, optam por objetos tidos como adultos (LIRA, 2016; LIRA; FERREIRA, 2018) e justificam as suas escolhas a partir de critérios adultistas. Os resultados e as discussões demonstram que, embora não se deva acreditar que as crianças perderam a infância (CORSARO, 2011; PROUT, 2005; FERREIRA, 2008), emerge, sob nossos olhos, uma infância comprometida com questões consumistas.

Essa infância que emerge, assim como pensam Elkind (2004) e Postman (2012), põe em causa o “sentimento de infância” aludido por Ariès (2014) e materializa preocupações em relação como na contemporaneidade o mundo adulto tem sido de fácil acesso às crianças, não havendo, por assim dizer, limites expressivos os quais possam garantir a proteção aos meninos e às meninas com tão pouca idade e já envolvidos e envolvidas com os ideários de ter, de possuir, por vezes, distantes do brincar como forma de ser.

Caminhos metodológicos

Formular questões de investigação pertinentes e fecundas é essencial no desenho e na condução de uma pesquisa. Além de um requisito científico, é uma arte, na medida em que a imaginação metodológica lhe dá vida e propósito (GRAY *et. al.*, 2012; MCCLIMANS, 2011). Assim, nossa investigação partiu da pergunta de saída: as escolhas das crianças apontam processos de adultização na contemporaneidade?

Considerando a natureza de nossa pesquisa, valemo-nos de abordagem qualitativa, de pesquisa-ação como método e de observação participante como técnica de construção de dados. Por sua vez, estes foram submetidos a uma análise interpretativa, tendo como parâmetro para tal análise as reflexões advindas da semiologia barthesiana (BARTHES, 1999). Sendo a fenomenologia a raiz da abordagem qualitativa, é o mundo do sujeito, as suas experiências cotidianas e os significados atribuídos às mesmas que constituem os núcleos da sua atenção (ANDRÉ, 2012). É uma abordagem que, segundo esta autora, não pretende ser prescritiva nem memorialista, ensejando, porém, cuidar do fenômeno como o fenômeno ocorre. Maffesoli (2001) acrescenta que a fenomenologia é a base da deontologia e a deontologia é matriz das abordagens qualitativas. Estas buscam compreender o fenômeno a partir das circunstâncias

nas quais ele se dá e nas quais ele está inserido, evitando enquadrá-lo a partir de regras e normas distantes dele e de sua materialidade. Nesse sentido, para o nosso trabalho, a abordagem qualitativa foi considerada adequada e coerente.

Assim como a abordagem, a escolha do método, a pesquisa-ação, deu-se tendo em vista que nosso objeto de estudo – o fenômeno de adultização de crianças na educação infantil – é complexo, ou “complexus”, como quer Morin (2001). Tal complexidade exige por parte do pesquisador reflexões e procedimentos metodológicos capazes de desconstruir ideias cartesianas sobre métodos e entendam antes o método como um elemento dinâmico, contextual, passível de alterações. Em suma, um procedimento rigoroso, porém não rígido (MACHADO; FERREIRA, 2015).

A chamada pesquisa-ação serviu-nos como método e permitiu-nos manter uma relação profícua entre pesquisador, sujeitos participantes, lócus. Desde o princípio de nossa investigação, tínhamos em mente que faríamos um trabalho, fundamentado em uma perspectiva de pesquisa não-cartesiana (DEMO, 2007), de modo a que os procedimentos metodológicos nos dessem condições de “errar”, de “falhar”, de evitar a “rigidez” em favor do “rigor” (MACHADO; FERREIRA, 2015). A pesquisa-ação pareceu, dessa maneira, uma escolha ajustada aos nossos propósitos metodológicos e empíricos.

Na esteira tanto da abordagem quanto do método, fizemos uso de técnica de construção de dados cuja lógica não estivesse amparada na ideia de separação sujeito-objeto, mas da sua inter-relação. Tendo sido a observação participante a técnica utilizada, qualquer tentativa de divisão exata e exacerbada desses dois elementos da pesquisa seria infrutífero e contraditório ao que pretendíamos (BAUER; GASKEL, 2008). Nesse sentido, sujeitos participantes e pesquisador participante mantiveram, em todo o processo, interações intersubjetivas.

Os sujeitos que participaram da nossa pesquisa foram 15 crianças, sendo 7 meninos e 8 meninas entre 4 e 5 anos de idade, matriculados/as na educação infantil de uma escola urbana na cidade do Recife. As crianças, assim como os seus responsáveis, aceitaram participar do trabalho empírico. A participação, durante todo o tempo da aplicação da técnica, deu-se por adesão, isto é, as crianças podiam interromper a participação, a qualquer momento, se assim desejassem. Ao longo do trabalho, não houve desistência. Todos/as os/as responsáveis assinaram o TCLE.

A escolha das 15 crianças, num universo populacional mais amplo, cerca de 60 crianças, ocorreu de modo aleatório, tendo sido adotado como critério de seleção, além da adesão das crianças e da anuência dos/as adultos/as responsáveis, um sorteio entre aqueles/as que aderiram à pesquisa. No TCLE, foi evidenciado que os relatórios advindos da investigação manteriam as crianças anônimas, não seriam usadas imagens advindas da coleta empírica e todo material resultante da pesquisa seria usado exclusivamente para fins científicos.

O lócus onde ocorreu a investigação empírica situa-se em um bairro na Zona Norte do Recife e é exclusivamente voltado para a educação infantil. Sua estrutura e manutenção conferem segurança e cuidado às crianças ali matriculadas. A escolha do lócus teve como critério central o fato de ser uma instituição educativa aberta a receber pesquisadores/as e aderente à reflexões sobre a sua própria prática. Durante o processo de construção de dados empíricos, não tivemos intercorrências que viessem a atrapalhar a fluência metodológica da pesquisa.

Considerando ainda a natureza qualitativa de nossa investigação, para a análise dos dados, optamos pelo uso da análise interpretativa, fundamentada na semiologia literária barthesiana (BARTHES, 1999). Usamos, ao longo do trabalho, categorias conceituais iniciais: (a) adultização, (b) crianças e (c) escolha, e categorias conceituais emergentes: (d) brincadeira; (e) linguagem e (f) objetos adultos e infantis. A semiologia foi-nos importante para a construção dos dados.

No que concerne aos resultados e às discussões, em razão do que já se disse sobre a abordagem, o método, a técnica de construção de dados e a natureza epistêmica da metodologia, será possível perceber que as análises são essencialmente de natureza qualitativa, evitando-se, desse modo, o uso de tabelas e dados estatísticos.

A criança, a infância: sua “ausência” e seu “surgimento”

A criança e a “ausência” da infância

Importante destacarmos que, se considerarmos os estudos de Ariès (2014), é possível dizermos que nem sempre houve infância tal como a entendemos no mundo moderno e no mundo contemporâneo. Segundo o historiador e medievalista francês, registros imagéticos e verbais, produzidos na Idade Média, por exemplo, evidenciam que a criança era compreendida pela sociedade na qual estava inserida como uma espécie de adulto em miniatura, não tendo qualquer tratamento distintivo em razão do seu desenvolvimento humano.

As crianças existiam, por assim dizer, mas sua condição social não recebia tratamento condizente com seu estágio de desenvolvimento, logo seu perfil identitário não repercutia nas relações interindividuais. Conforme Ariès (2014), em tempos medievais, “apenas o tamanho físico” distinguia os adultos das crianças, o que importava dizer que no cotidiano comum homens e meninos, mulheres e meninas conviviam sem maiores restrições ou pudores, como se fossem iguais, porém sem os mesmos direitos.

Segundo Ariès (2014, p. 18), nas artes pictóricas medievais, “[...] não existiam crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzidos”. A representação artística das crianças evidenciava o olhar do período sobre as infâncias: algo deformado, ainda não terminado, incompleto, estranho, sem muita importância, passível de descarte, inferior, vulnerável, frágil, rejeitável. O descaso para com a vida da criança era acentuado. Altas taxas de mortalidade infantil, causadas, na maioria das vezes, pelo descuido, pelo abandono.

As famílias, com muitos filhos, entendiam a morte das crianças como “[...] algo que era considerado uma perda eventual” (ARIÈS, 2014, p. 171), sem grandes impactos. Os registros de óbitos, concernentes à época, ou seja, as imagens nas efígies funerárias, não anunciavam as mortes infantis e também não havia alusão aos nomes das crianças mortas. “A infância era apenas uma fase sem importância, que não fazia sentido fixar na lembrança. Não se considerava que essa coisinha desaparecida tão cedo fosse digna de lembrança” (ARIÈS, 2014, p. 21).

Postman (2012) acredita que uma só palavra define a situação da criança no período medieval: a invisibilidade. E, para tornar esse ser desprezível ou desnecessário, invisível, várias estratégias foram postas em ação. Uma delas, bárbara por si mesma, o infanticídio, foi, por vezes, utilizado como uma forma de controlar a oferta de alimentação à população. Crianças indesejadas eram mortas pelos próprios familiares, “[...] pois dava-se ao pai o direito de vida e morte sobre seus filhos” (FILHO, 2009, p. 18).

Na verdade, desde tempos imemoriais, sobrevivia apenas uma minoria dos bebês que nasciam e, queiramos ou não, no mais das vezes os que restavam eram os mais fortes e, sem dúvida, os que tinham melhor sorte, já que os adultos pareciam não se incomodar de forma alguma com as crianças (FILHO, 2009, p. 19).

Quando não morta, era negada completamente na sua identidade. Postman (2012) diz que às crianças não era dado nenhum espaço privativo, não posto qualquer limite ao adulto em relação aos meninos e às meninas. Tudo era permitido, nada era impossível de se fazer com uma criança e sob seus olhares: sexo, necessidades biológicas, jogatinas, consumo de álcool, brigas, guerras, matanças das mais variadas, todo e qualquer tipo de adultismo. “Não havia consciência de que as crianças não eram adultos” (FERREIRA, 2008, p. 201).

Desse modo, não existindo uma consciência das particularidades infantis por parte dos adultos responsáveis, “[...] assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes” (ARIÈS, 2014, p. 99). Passava a ser tratada como uma igual, mas sem os direitos que o adulto tinha. Sem direitos, vulnerável, indefesa e vivendo num mundo hostil e perigoso, ficava entregue a sua própria sorte, dependendo desta a sua sobrevivência.

Pouco ou quase nada se fez, nesse período, para que as crianças fossem cuidadas. A

igreja, a despeito de seus erros históricos, opôs-se ao abandono e ao infanticídio dos muito pequenos. Criou a chamada roda dos expostos, uma tentativa de coibir os infanticídios praticados pelas famílias e pelo Estado. As rodas eram localizadas “[...] em igrejas ou órgãos públicos, onde crianças recém-nascidas, rejeitadas pelas mães por qualquer motivo, podiam ser deixadas para serem cuidadas por religiosos ou por pessoas que faziam caridade” (FILHO, 2009, p. 26).

Infelizmente, na maioria das vezes, as crianças das rodas dos expostos sucumbiam, eram raras as que sobreviviam nas famílias adotivas até dois ou três anos de idade. Quando viviam até mais tarde, eram induzidas à vida adulta; tinham de aprender ofícios e trabalhar (FILHO, 2009, p. 27).

Se escapasse ao abandono ou à morte, ainda muito pequena, a criança, e, sobremaneira, a pobre, ingressava no mundo do trabalho, no mesmo círculo social do adulto, sem qualquer cuidado necessário com sua higiene, aprendendo o vocabulário vulgarizado dos adultos, tendo acesso aos hábitos sexuais dos adultos, sofrendo toda natureza de violação à sua condição humana. “Os adultos se permitiam tudo diante das crianças: linguagem grosseira, ações e situações escabrosas; elas ouviam e viam tudo” (ARIÈS, 2014, p. 77).

Conforme Postman (2012, p. 28), “a igreja católica escolheu a idade dos sete anos como a idade em que se passava a conhecer a diferença entre certo e errado, a idade da razão”. Os ritos de passagens eram breves e aos sete anos a criança tornava-se adulta. Quando supostamente não precisava diretamente dos cuidados dos adultos, ou seja, ao sair da dependência inicial, a vida adulta passava a fazer parte dos seus cotidianos.

A primeira idade é a que planta os dentes, e essa idade começa quando a criança nasce e dura até os sete anos, e nessa idade aquilo que nasce é chamado de *infant* (criança), que quer dizer não falante, pois nessa idade a pessoa não pode falar bem nem formar perfeitamente suas palavras, pois ainda não tem dentes bem ordenados, nem firmes (ARIÈS, 2014, p. 6).

Depois dos sete anos, a passagem era imediata, o que representava uma ruptura brusca na inserção de um estágio da vida para outro, não existindo estágios preliminares. O mundo medieval era um mundo adulto e a criança um ser invisível, silenciado. Tschman (1978 *apud* POSTMAN, 2012, p. 33) afirma que “[...] de todas as características que diferenciam a Idade Média da Moderna, nenhuma é tão contundente quanto a falta de interesse pelas crianças”. Na efetiva ausência de um mundo separado, adultos e crianças estavam tão próximos que era irrealizável a distinção entre eles.

A infância emerge na Modernidade?

Embora remetida pelos adultos para a invisibilidade, a infância, como sustenta Corsaro (2011), não esteve jamais ausente da vida da criança. De alguma maneira, por diversos modos, por meio de diferentes códigos, ela se instaurou e materializou-se na vida social dos meninos e das meninas. No entanto, Ariès (2014) e Donzelot (1980) acreditam que a Modernidade foi o tempo e o espaço em que a infância emerge. Estes dois autores entendem por infância o conjunto de elementos identitários que passaram a ser associados às crianças, tornando-se, assim, características idiossincráticas que separavam adultos de infantes.

Para Ariès (2014), entre os séculos XV e XIX, um novo sentimento, na Europa, surge no trato dos adultos para com as crianças. Sua origem teria matriz nas mães e nas amas de leite que cuidavam dos bebês. As amas, afirma Ariès, “[...] se alegram quando a criança fica alegre, sentem pena da criança quando esta fica doente; levantam-na quando cai, enfaixando-a quando se agita e a limpam-na quando se suja” (2014, p. 100). Ariès acredita que esse sentimento das amas e das mães para com as crianças sempre existiu, mesmo em períodos como o Medieval, todavia não eram senão manifestações muito íntimas, no âmbito extremamente pessoal, não expresso em situações coletivas e sociais. Sob os olhos do cuidado materno, as crianças

pequenas, antes vistas como pessoas sem importância, assumiram, de certo modo, um novo status, passando a serem vistas como engraçadas, ingênuas e gentis (ARIÈS, 2014).

Conforme Donzelot (1980), a maneira como as mães e as amas passam a tratar as crianças é muito significativa, pois demonstra que a indiferença pela vida das crianças não ocorre da mesma forma que ocorria durante a Idade Média. “Há uma outra aura sentimental na relação adulto-criança. Se antes a indiferença era latente e comum, agora, a família moderna consegue entender que a vida das crianças é valiosa e precisa de cuidados especiais, de carinho e atenção” (LIRA, 2016, p. 54).

Para Ariès (2014, p. 100), esse sentimento que passa a fazer parte do modo como os adultos se relacionam com as crianças, não é o mesmo que “gostar das crianças”, porém corresponde à “[...] consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto”. Essa nova forma de compreensão sobre a identidade infantil permite que haja uma linha distintiva entre a condição humana adulta e a condição humana da criança, como defende Lira (2016). Ou seja, “[...] emergem sentimentos no âmbito familiar para com os filhos pequenos impensáveis em tempos medievais” (LIRA, 2016, p. 41).

Ocorrem, portanto, na modernidade, mudanças significativas, pois “[...] tudo o que se referia às crianças tornara-se um assunto sério e digno de atenção” (ARIÈS, 2014, p. 105). Todavia, Ariès (2014, p. 40) salienta que “[...] às crianças do povo, aos filhos dos camponeses, foi conservado o antigo modo de vida que não separava as crianças dos adultos”. Para ele, a emergência do sentimento de infância se dá para algumas crianças, aquelas que tinham situação socioeconômica privilegiada, porém as crianças filhas das famílias economicamente fragilizadas continuaram tendo sua infância ignorada.

Enquanto as crianças da classe burguesa ingressavam nas escolas, os filhos e as filhas dos camponeses seguiam caminhos bem desiguais, tornando-se mão de obra barata nas fábricas (LIRA, 2016). Desse modo, a emergência da infância não ocorre sem que se observe o *modus operandi* social, as situações culturais, as estruturas e as conjunturas nas quais as pessoas estão inseridas. Assim, embora a tese de Ariès (2014), de que a Modernidade é palco para a emergência da infância, faça certo sentido, ela precisa ser analisada de maneira acurada e posta sob a regência de contextos.

A infância é uma categoria social, como têm defendido autores como Corsaro (2011), não devendo, por isso, ser analisada com base exclusivamente no critério etário, cronológico. A infância se dá de diversas maneiras, de diferentes formas, em variados contextos. Ariès faz alusão somente a uma infância, aquela que se deu no âmbito das famílias burguesas ocidentais dos séculos modernos. No entanto, outras infâncias foram construídas a partir de elementos não-burgueses, não-ocidentais, forjadas através de lógicas bem distintas e singulares. Ariès (2014) não atentou para essa diversidade, transmitindo assim a ideia de criança universal, independentemente de ser membro de uma família burguesa ou de uma família proletária.

De todo modo, ainda que limitada, a tese de Ariès (2014) serve-nos, pois, embora deva ser analisada sob as reflexões propostas por Corsaro (2011), evidencia que as crianças burguesas e as crianças proletárias tinham tratamentos diferenciados e o tratamento dado às crianças burguesas parecia ser o mais adequado para se dar a uma criança. Isto é, ao menos a criança burguesa, se ela pode servir como referência às outras, passava a ser cuidada de um modo especial, afetuoso e protetivo. Elementos como as roupas, cuidados com a saúde, a higiene, a importância dada aos estudos, aos processos de alfabetização são importantes para que se observe a emergência do sentimento de infância, isto é, a nova maneira como os adultos passaram a tratar as crianças. Ainda conforme Ariès (2014), nas artes, as representações das crianças não mais são ilustrações de adultos miniaturizados, porém aquarelas com traços singulares das meninas e dos meninos em idade escolar.

Na esteira de Ariès (2014), embora defendendo que a emergência da infância na Modernidade se dá sobretudo a partir da invenção da tipografia, Postman (2012) entende que com essa invenção, surge um novo mundo simbólico e esse mundo emergente faz surgir novos conceitos sobre a condição adulta e a condição infantil. No ver de Postman, a infância moderna emerge, não tanto porque as crianças passaram a ser valorizadas a partir de suas singularidades, mas, sobretudo, porque passaram a ser fundamentais no processo de desenvolvimento

social. “Passou a ser essencial que elas aprendessem a ler e escrever” (POSTMAN, 2012, p. 51), pois disso dependia a continuidade do sistema social e econômico vigentes.

Novas definições são criadas tanto para adultos quanto para crianças. A idade adulta baseava-se pela competência de leitura, já a concepção de infância estava baseada na incompetência e despreparo para a leitura. Para Postman (2012), a tipografia constrói socialmente um novo mundo simbólico que exigiu uma nova concepção para a idade adulta.

A nova idade adulta excluiu as crianças. E como as crianças foram expulsas do mundo adulto, tornou-se necessário encontrar outro mundo que elas pudessem habitar. Esse outro mundo veio a ser conhecido como infância” (POSTMAN, 2012, p. 34).

Por considerar saber algo a mais do que as crianças, os adultos tinham como principal atividade prepará-las para alcançar os conhecimentos determinados à vida adulta, formá-las para o novo mundo.

Na verdade, a tarefa do adulto era preparar a criança para a administração do mundo simbólico do adulto. Na década de 1850 os séculos da infância tinham feito seu trabalho e em toda parte do mundo ocidental a infância era tanto um princípio social quanto um fato social (POSTMAN, 2012, p. 65).

A exaltação à infância moderna se firma no período entre 1850 e 1950. As crianças eram protegidas pelo uso de roupas adequadas, mobiliário próprio dentro e fora das escolas, literatura específica, brincadeiras e músicas construídas em um mundo social próprio. O discurso legal foi produzido, classificando as crianças como sujeitos diferentes dos adultos. No entanto, Postman (2012) chama a atenção para um fenômeno que ocorre quase de forma imperceptível: ao mesmo tempo em que a infância ganhava vida, ela começou a ser desmontada de forma vagarosa e as sementes frutíferas do seu desaparecimento são socialmente plantadas e crescem.

A adultização das crianças na Contemporaneidade

Segundo Postman (2012), na contemporaneidade, há fortes indícios que apontam para o possível desaparecimento do sentimento de infância sobre o qual aludiu Ariès (2014). Postman considera que as mídias eletrônicas, a televisão, por exemplo, são elementos que facultam o desaparecimento da infância, uma vez que não respeitam em suas programações aquilo que, na visão dele, é essencial para a existência do que Ariès (2014) nominou como “sentimento de infância”: a distinção entre o que as crianças conhecem e entre o que os adultos conhecem.

Se as crianças têm acesso às mesmas informações que os adultos por meio das mídias eletrônicas, o que diferenciaria os adultos das crianças em termos informacionais? Questiona Postman. O mundo adulto, na contemporaneidade, está disponível às crianças. Basta que acessem às mídias eletrônicas e tudo está lá, ao seu dispor, logo a linha divisória entre crianças e adultos inexistiu como havia existido no período Moderno, por ocasião da necessidade de o adulto ensinar à criança aquilo que ele sabia e ela não.

Postman explica:

O novo ambiente midiático que está surgindo fornece a todos, simultaneamente, a mesma informação. A mídia eletrônica acha impossível reter quaisquer segredos. Sem segredos, evidentemente, não pode haver uma coisa como infância (POSTMAN, 2012, p. 94).

Os segredos dos adultos, como fronteira divisória para a infância, são revelados facilmente pelas mídias, que tornam público o que antes seria conhecido como privado para adultos, secreto, ou mesmo não revelado. Revelando os segredos, as mídias não possibilitam proteção às crianças, mas as expõem ao universo, antes escondido (POSTMAN, 2012). No en-

tendimento de Postman (2012), a televisão é elemento central nessa revelação, entretanto, é possível, até com maior intensidade, refletir sobre os efeitos da Internet. O contato das crianças com as redes sociais digitais possibilita que muitos “segredos” do mundo adulto sejam repassados às crianças e que elas acreditem que também são seus “segredos”. Postman (2012) diz que as “atitudes adultas” são aprendidas pelas crianças e as crianças então agem como se fossem elas próprias também adultas. O que leva a pôr em causa a sua infância ou a infância que a Modernidade erigiu como sendo das crianças. A teoria de Postman (2012) é reforçada por Elkind (2004, p. 174), na medida em que este autor afirma que “esperamos que as crianças cresçam rapidamente e nos deem menos trabalho”.

Ao almejarmos que as crianças se vistam, tenham atitudes e pensem como adultos, estamos sugerindo que elas experimentem a vida adulta, estimulando, desse modo, a ausência das práticas e das condições que notabilizam a infância como um sentimento próximo das crianças (ELKIND, 2004). Ainda segundo Elkind (2004), o adulto é aquele que consegue amar e permite ser amado, que trabalha de maneira produtiva, significativa, com satisfação. O adulto é livre, independente, a criança, entretanto, é dependente, não é livre.

A criança, nesse contexto, precisa do adulto, de seu conhecimento, de sua experiência, de seu saber, de seus códigos individuais e coletivos, sociais, culturais. É função do adulto ensinar à criança a vida e todos os seus desdobramentos (FERREIRA, 2008). Postman (2012) entende que as mídias eletrônicas permitem que as crianças tenham acesso às informações que só os adultos deveriam ter e isto gera um processo de adultização, ou seja, fenômeno que desconstrói o sentimento de infância e retoma a infância perdida medieval.

Nesse sentido, o fenômeno da adultização não é exatamente algo novo, porém, quando se dá nos moldes em que ocorrem na contemporaneidade, assume novas nuances, novos estilos, novas características. As crianças adultizadas, explica-nos Elkind (2004), materializam uma forma de adulez relacionada a problemas de ordem psicológica, a sofrimentos psíquicos, a comportamentos autodestrutivos, a uma espécie de adoecimento mental. A criança adultizada, nesse sentido, demonstra vulnerabilidades socioemocionais (FERREIRA; MELO, 2021).

O processo de adultização, pontua Narodowski (1998, p. 174), gera uma “[...] crise na qual a infância moderna morre [...]” e faz surgir um modelo de infância que remete aos modelos medievais, nos quais as crianças agiam como adultos, vestiam-se como adultos, precisavam ser adultas sob pena de não conseguirem sobreviver ao que lhes impunham os trâmites sociais.

[...] não somos inocentes com respeito às crianças como talvez fossem os nossos antepassados medievais, nem tão pouco a nossa economia e sociedade são primitivas. Certamente, assediámos nossas crianças com algumas das exigências emocionais, intelectuais e sociais dos adultos. Reconhecemos a condição especial das crianças ao mesmo tempo em que as pressionamos para crescer depressa (ELKIND, 2004, p. 50).

A adultização na contemporaneidade desconfigura o sentimento de infância advindo com a Modernidade e faz aparecer uma nova infância, a infância adultizada, aquele que necessita ser autônoma, independente, empreendedora, consciente, madura, capaz, proativa, eficaz, eficiente, necessitando, para tal, de aprender a fazer como os adultos fazem, a sentir como os adultos sentem, a pensar como os adultos pensam e assim, de vez, garantirem que a civilização contemporânea – consumista, utilitarista, assente no capitalismo neoliberal – não esteja ameaçada.

Assim, pondo a criança sob a mira, uma nova retórica, apelativa, sedutora e formulada em nome da qualidade e da excelência, tem fundamentado, nas últimas décadas, o elogio e o apego à ideologia neoliberal. O processo de adultização de meninas e meninos, no mundo contemporâneo, visa, antes de tudo, à formação de uma infância com desejos de adultos, uma infância que, aparentemente autônoma, de fato, é guiado à compra, ao consumo, à escolha utilitarista do mercado. Uma criança adequada ao mercado e por ele guiada.

Segundo Ferreira (2005), esta ideologia, encoberta pelo nome de eficiência, tem produzido efeitos dos quais se faz necessário a desocultar. Sob o signo da performance, da com-

petitividade, da excelência, do sucesso, não há ganhadores sem perdedores (GAULEJAC, 1987; AUBERT; GAULEJAC, 1991). Nesse caso, por evidente, as crianças estão perdendo. Na ótica desses autores, um dos efeitos desse processo de adultização da criança é a psicologização do mundo, que gera sentimentos de culpabilidade, humilhação, desesperança, inutilidade e incompetência.

À luz de uma ideologia de “realização pessoal e profissional” e de um ideal de perfeição associado ao indivíduo performante, autônomo, responsável e empreendedor, os indivíduos que não dispõem de recursos para satisfazer todas estas exigências sofrem um processo de desinserção social. Então as crianças aprendem, considerando esse processo, que “devem superar todo e qualquer obstáculo” e se não o fizer, é porque é “fraca”, é “incompetente”, é “despreparada”. A lógica da eficiência faz da adultização contemporânea uma dos fenômenos mais perversos já vistos contra as crianças (FERREIRA, 2005).

Resultados e discussão

Valorizando a abordagem qualitativa e o uso do método da pesquisa-ação, utilizamos, no processo de coleta de dados, a técnica observação participante. Nosso interesse era observar as brincadeiras praticadas pelas crianças na escola, buscando elementos que pudessem ser relacionados com o processo de adultização aludido por Elkind (2004) e Postman (2012).

A observação participante é uma técnica que “[...] combina ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais e entrevistas abertas informais (MOREIRA, 2002, p.52). Assim, decidimos que faríamos essa observação nos ambientes escolares em que as crianças estivessem brincando e analisaríamos se as brincadeiras apresentavam indícios de processos de adultização.

Nesse sentido, os estudos de Elkind (2004) nos ajudaram a estabelecer uma espécie de roteiro-guia que amparou a nossa observação. Esse roteiro-guia constou de várias atividades, todavia, para efeito de análise neste texto, apresentamos as atividades “jogo das cartelas com imagens” e “lista de compras”. A escolha por estas atividades, para que ilustrem o nosso argumento central neste artigo, se dá em razão da natureza das atividades por, de certa forma, conterem reflexões mais direcionadas sobre a ideia de “escolha” das crianças.

Na atividade “Jogo das cartelas com imagens”, as crianças tiveram acesso a várias cartelas com imagens de brinquedos, de roupas, de objetos. Elas escolhiam, a partir das cartelas, brinquedos, roupas e objetos dos quais mais gostassem, com os quais mais se identificassem. O jogo das cartelas com imagens consistia basicamente em possibilitar a criança escolher qual imagem ela queria das que constavam nas cartelas e a razão pela qual ela escolhia a imagem selecionada.

As cartelas possuíam imagens de objetos tidos como adultos e imagens de objetos tidos como infantis. As imagens de objetos tidos como de adultos eram: chaves de carro, barbeador, estojo de maquiagem, tintura para cabelo, bolsa a tira colo, alicate de manicure e pedicure, colares, pulseiras e brincos. As imagens de objetos tidos como de crianças eram: bola, boneca, jogo de peteca, jogo de pula corda, peão, pipa, livro de literatura infantil. As crianças foram orientadas a escolherem os objetos com os quais elas gostariam de ficar. Depois da escolha, as crianças explicariam por que escolheram o objeto. Cada criança escolhia 3 cartelas, logo, 3 objetos. As cartelas eram repetidas, desse modo, seria possível que todos escolhessem os mesmos objetos, ou seja, havia 15 imagens para cada objeto. O tempo de escolha era limitado. Ao final de 30 minutos, todas as crianças deveriam ter escolhido os 3 objetos. O foco da observação incidia nas escolhas das crianças, de modo a desvendar as motivações da escolha, a escolha e sua relação com o mundo adulto.

Ao final da atividade, dos 100% participantes, 5% escolheram objetos tidos como infantis e 95% escolheram objetos tidos como adultos. As crianças daquele grupo pesquisado escolheram os objetos adultos e quando questionadas o porquê de suas escolhas, algumas respostas vieram à tona:

Pesquisador – Por que você escolheu o estojo de maquiagem?

Ana – *Eu gosto da maquiagem, fica bonita pro namorado, pra aparecer na foto da escola.*

Pesquisador – Por que você escolheu o barbeador?

Pedro – *Para poder ficar elegante. E ficar bem para poder sair e passear.*

Pesquisador – Por que você escolheu as chaves do carro?

Beatriz – *O carro da minha tia é bonito. Eu quero um carro como é o carro da minha tia. Aí, a chave é do carro.*

Pesquisador – Por que você escolheu as pulseiras e os brincos?

Clara – *Eu gosto de usar pulseira e brinco igual. Eu gosto também de sapato igual, mas não tem sapato.*

As respostas dadas pelas crianças sinalizaram que a escolha pelos objetos tidos como adultos se deu em razão de uma identificação com as motivações adultas. Não há, por exemplo, entre as respostas exemplificadas, nenhuma justificativa que remeta a uma escolha pelo desejo consciente de brincar com aqueles objetos utilizados socialmente pelos adultos. A escolha pelos objetos remete a uma espécie de sentimento adulto (POSTMAN, 2012). “As crianças, nesse contexto do consumo, deixam evidente um sentimento adulto em suas escolhas” (FERREIRA; LIRA, 2021).

Das crianças do grupo, as que escolheram os objetos tidos como de criança, ao justificarem a escolha, disseram:

Pesquisador – Por que você escolheu o livro infantil?

Rafael – *Eu acho bom ouvir a história do livro. Eu gosto de livro com as figuras coloridas. Eu brinco.*

Pesquisador – Por que você escolheu o jogo de pula corda?

Luísa – *É bom. Eu brinco com a minha amiga e com a minha prima. É bom.*

“A brincadeira é um elemento essencial no desenvolvimento da criança. De certa forma, quando brinca, a criança é protegida do mundo adulto. Do mundo que usa códigos e estratégias nem sempre saudáveis à infância” (LIRA, 2016, p.171). A escolha da maioria se fundamenta, no dizer de Ferreira e Lira (2021), num sentimento adulto e, para Elkind (2004), esse sentimento é forjado pelo mundo adulto e ensinado à criança como forma de torná-la adulta antes do tempo. Seria, por assim dizer, um processo de adultização e, mais profundamente, um processo de socialização de cariz endoutrinador, visando a perpetuação do capitalismo neoliberal contemporâneo.

Sabemos que estes argumentos de Lira (2016), Ferreira e Lira (2021) e Elkind (2004) não podem ser tomados por absolutos, uma vez que, mesmo quando repetem os comportamentos adultos, as crianças não são adultas e a repetição não é mera reprodução de um costume, de uma ideia, de uma forma de procedência. Muitas vezes, como adverte Held (1980), é por meio da repetição do comportamento adulto que a criança brinca e faz sua crítica ao universo que a imputam.

No entanto, quando perguntadas se queriam ser crianças ou adultas, durante o processo do jogo das cartas de imagem, 70% das crianças responderam que tinham hora que queriam ser criança, porque ganhavam presentes e não tinham de trabalhar feito os adultos e 30% disseram que preferiam ser crianças, porque podiam dormir mais e podiam brincar com os colegas e os adultos não sabiam brincar, sabiam mais conversar e gritar.

Pesquisador – Você prefere ser criança ou adulto?

Maria – *Criança e adulta. Criança brinca e dorme mais. Adulto conversa e grita na conversa.*

Heitor – *Eu gosto de ser criança e quero ser adulto, porque adulto pode sair e dirigir o carro, mas criança brinca.*

Lucas – *Criança, porque fica brincando com os colegas na escola. Adulto trabalha e não brinca.*

Júlia – *Adulto tem muita coisa e pode comprar o que quer. Criança não pode fazer o que quer.*

Postman (2012) comenta que as crianças contemporâneas vivem um momento de perplexidade, pois, tendo em vista que acessam com muita facilidade o mundo adulto, por meio das mídias eletrônicas, não sabem exatamente se escolhem ser adultas ou se se mantêm como crianças, o que, na opinião de Postman (2012), aponta uma angústia tipicamente adulta e que não faz bem emocionalmente às crianças.

A dúvida, um elemento essencial ao desenvolvimento da inteligência humana (WINNICOTT, 1975), quando colocada em termos de processo identitário, deixando a criança numa condição de vulnerabilidade sobre sua identidade, no lugar de ser saudável, pode indicar que há sentimentos confusos os quais podem provocar uma situação difícil para as crianças em desenvolvimento psicológico, fazendo-as sofrer (FERREIRA; LIRA, 2021).

Em pesquisa de Lira e Ferreira (2018), em situação similar à aqui analisada, com um universo de 23 crianças, com mesma faixa etária de 4 e 5 anos, matriculadas também na educação infantil, quando questionadas se preferiam se divertirem num shopping ou num parque de diversão (com balanços, gangorras, escorregadores, espaço para correr, bancos para sentarem e lerem um livro), as crianças ouvidas, no que tange à resposta, comportaram-se assim: 81% das crianças disseram escolher o shopping da cidade e 19% o parque de diversão.

Elkind (2004) afirma que, na contemporaneidade, as crianças são incentivadas a consumirem e o consumo, nesse caso, não está relacionado às necessidades básicas, porém a um desejo de se parecer com o que esperam delas. Há, por parte dos adultos, segundo Elkind (2004), intenção de tornar a criança um adulto miniaturizado, na medida em que incentiva à vida em locais nos quais o consumo é a principal causa de visita ou permanência. As 15 crianças de nossa pesquisa, assim como as 23 (LIRA; FERREIRA, 2018), demonstram que seus comportamentos não serão retrucados pelos adultos.

Pesquisador – *Você acha que seu pai e sua mãe concordam com você, quando você escolhe as pulseiras e a bolsa?*

Clara – *Sim. Eu acho que sim. Minha avó me deu uma bolsa e muitas pulseiras e meu pai gostou. Minha mãe gostou.*

Pesquisador – *Você acha que seu pai e sua mãe concordam com você, quando você escolhe a chave do carro?*

Beatriz – *Sim. Minha tia também concorda. Meu pai concorda. Minha mãe concorda.*

As respostas afirmativas das crianças no que diz respeito ao consentimento dos adultos em relação às suas escolhas aponta que as escolhas não são feitas aleatoriamente, pois as crianças “sabem” que não estão “frustrando” as expectativas do que esperam delas. Elas, as crianças, cumprem o rito que lhes confere uma posição de destaque no universo do qual fazem parte. O tempo todo, ainda que ingênuas, são críticas e não agem sem apoio (FERREIRA; LIRA, 2021). O processo de adultização, nesse caso, é forjado em meio ao jogo cultural no qual crianças e adultos se inserem.

Um segundo jogo, o da Lista de compras, evidencia, a partir da escolha das crianças, como o processo de adultização contemporânea pode ocorrer sob a lógica do consumo. Neste jogo, foi pedido às crianças que fizessem uma lista de compras de objetos os quais as crianças gostariam de ter para elas próprias ou para presentear um colega ou uma colega. Poderia também ser para presentear um adulto ou uma adulta. A lista deveria ter, no máximo, 3 itens de compra. Em razão de que a maioria das crianças participantes não estavam alfabetizadas, então a lista foi composta por itens imagéticos. Nesse sentido, foi entregue às crianças um jogo de cartelas com imagens, contendo imagens de objetos tidos como adultos e objetos tidos como infantis.

Assim, as imagens de objetos tidas como de adultos foram: computador, televisor, tênis,

óculos escuros, biquinis, celular, fone de ouvido, cosméticos e as imagens de objetos tidas como infantis foram: livro de literatura infantil, bolas de gude, violão de brinquedo, massa de modelar, chicletes, lancheira escolar, diário com tranca, estojo para lápis coloridos. A lista de compras de cada criança deveria ser montada em, no máximo, 15 minutos e a criança teria que justificar a razão pela qual escolheu os 3 itens. Ao final, na análise das 15 listas, dos 45 objetos escolhidos, 80% pertenciam ao universo do mundo adulto e 20% ao universo do mundo infantil, segundo os critérios por nós estabelecidos na separação dos objetos entre adultos e infantis. Dos 100% de respostas, houve 12 listas que estavam montadas somente com itens adultos e 3 listas que tinham predominância de itens adultos, mas tinham também itens infantis. Ou seja, os itens escolhidos pelas crianças eram majoritariamente itens julgados como de adultos e as respostas às perguntas feitas pelo pesquisador traz à tona a pergunta de saída deste artigo: As escolhas das crianças apontam processos de adultização na contemporaneidade?

Pesquisador – Você preferiu o computador, o celular e o fone de ouvido? Por quê?

Diego – *É, preferi. Eu gosto de computador desse e eu gosto de celular e meu tio ouve música assim (apontando para o fone de ouvido).*

Pesquisador – E esses objetos aqui? (O pesquisador aponta para os que são tidos como infantis).

Diego – *Quero não. Quero comprar feito meu pai comprar no shopping. Eu quero comprar com dinheiro.*

Pesquisador – E você escolheu os óculos escuros, o tênis e o celular. Por quê escolheu esses e não esses aqui? (Apontando para os que são tidos como infantis).

Marília – *Eu quero comprar esse tênis que é igual ao da Marina (a irmã mais velha da Marília) e eu gosto de usar óculos que fico “gata”, meu pai diz e minha mãe diz. E o celular é para não perder tempo.*

Pesquisador – Como assim? Não perder tempo? Diz para mim, o que é perder tempo.

Marília – *Eu não me atrasar para os compromissos. Eu tenho os compromissos todo dia. Fico cansada.*

Elkind (2004), ao tratar sobre o tema do estresse das crianças na contemporaneidade, explica que as super girls e os super boys, são meninos e meninas tomados por agendas de compromissos muito parecidas com as dos adultos. A fala de Marília remete-nos a essa reflexão de Elkind e também nos remete ao que dizem Ferreira e Melo (2021) sobre as crianças estarem cansadas, com agendas lotadas, com compromissos diversos, que quase não experimentam a liberdade importante às infâncias. A escolha pelos objetos tidos como adultos reitera o que já dissemos antes acerca da escolha dos brinquedos.

Mesmo as crianças que escolheram, na composição de suas listas, objetos tidos como infantis, justificaram suas escolhas a partir de uma ótica de consumo, muito comum ao universo adulto. Vejamos:

Pesquisador – Por que na sua lista você escolheu o estojo de lápis colorido?

Gustavo – *Eu tenho uma coleção de lápis colorido. Eu compro muitos, assim (mostrando a quantidade com as mãos), com meu avô.*

Pesquisador – E você brinca com os lápis ou você guarda?

Gustavo – *Não é para brincar e para guardar. Não brinco não. Eu quero ter mais lápis. Comprar mais.*

Pesquisador – E você, escolheu o violão de brinquedo, por quê?

Cecília – *Eu gosto de violão e gosto de música. Aí, minha tia diz que eu vou fazer parte do The Voice. Ganhar muito dinheiro.*

As respostas acima referidas demonstram que as justificativas, dadas por meninos e meninas entre 4 e 5 anos, deflagram que “[...] as crianças estão imbuídas de um sentimento de ter/comprar e esse sentimento é comum nos adultos que as cercam e na cultura dos adultos que as cercam” (LIRA; FERREIRA, 2018, p. 45). Isto quer dizer que, mesmo promovendo cultura e expressando cultura, as crianças parecem ter como parâmetro aquilo que é do mundo adulto e não parecem sensíveis aquilo que seria do seu mundo.

No entanto, temos consciência de que, embora possa parecer óbvia que a escolha das crianças implica num comportamento adultizado, é, para nós, relevante dizer que não se trata bem de uma obviedade. As crianças, assim como nos faz lembrar os estudos da Sociologia da Infância (CORSARO, 2011; PROUT, 2005; FERREIRA, 2005), ainda que estejam envoltas no mundo adulto, encontram, ao seu modo, formas de experienciar a infância através da qual forja a sua sociabilidade. Nesse sentido, poderíamos dizer que o desaparecimento da infância, proposto por Postman (2012) e Elkind (2004), é a emergência de uma infância adultizada.

Assim, mais do que desaparecer a infância, emerge uma nova forma de se fazer infância, diferente de várias outras já feitas, já construídas, já materializadas. Ocorre que essa nova forma, pelo que vimos ao longo de nossa empiria, traz elementos preocupantes, pois evidencia que essa infância, ao que tudo indica, despreza a própria criança e quer, de um modo diretivo, se parecer com o adulto. Uma infância-adulta ou uma infância mais preocupada com o consumo muito comum nas formas adultas de estabelecer socialização.

Pesquisador – Por que você escolheu os biquínis?

Ana – *A gente pode colocar no insta. Eu quero fazer uma foto.*

Pesquisador – Fala para mim sobre esse insta. É o Instagram?

Ana – *É. Eu tenho não. É minha coleção que tem. Eu quero um Instagram.*

Pesquisador – E você quer um Instagram, por quê?

Ana – *Porque é bom. É gente adulta que tem.*

Pesquisador – E você quer ser gente adulta?

Ana – *Quero. É bom. Eu gosto.*

Em seu livro “A bolsa amarela”, Lygia Bojunga (2002) nos apresenta Raquel, uma menina, com dez anos de idade, desejante de ser adulta, de ser gente grande. Raquel não quer mais ser criança, num mundo em que ser criança é viver sob às ordens dos adultos. De alguma maneira, Ana, a participante de nossa pesquisa, fez-nos recordar Raquel. Ana tem 5 anos de idade. Vive, segundo Piaget (1987), um estágio de desenvolvimento em que a linguagem lhe faculta um alto grau de simbolismo, de representação pela palavra, de verbalização do pensamento, de, em dizeres mais amplos, uma imaginação mais viva.

Considerações Finais

As crianças escolhem objetos tidos como adultos e suas escolhas, quando justificadas, apontam que estamos diante de uma infância atrelada ao consumo. De certo modo, ainda que não exatamente como dizem Elkind (2004) e Postman (2012), há uma relação entre o comportamento das crianças participantes da investigação e o comportamento comum aos adultos envolvidos em práticas de consumo, em práticas consumistas.

Relutamos para acreditar que as crianças estejam adultizadas, porque perderam as suas infâncias, uma vez que sabemos que as infâncias são modo de socialização das crianças e ocorrem de maneira variada, contextualizada no âmbito social, cultural e histórico. No entanto, também sabemos que estamos diante de um fenômeno cuja materialidade nos convida a refletir sobre como nossas meninas e meninos entre 4 e 5 anos de idade, escolhem e como essas escolhas não consideram elementos categorizados comumente como infantis.

É imprescindível à escola que se atente ao que aqui se diz e se reflete, considerando

que também cabe aos processos educativos escolares colaborar com reflexões dessa monta no que diz respeito à proteção dos direitos das crianças. Entendemos que o consumo, aqui tratado na esfera do consumismo, é uma das mais potentes estratégias de políticas capitalistas e neoliberais na formação de gostos, portanto na continuidade de socializações.

Assim, se não queremos falar exatamente de perda da infância ou retorno da infância à épocas medievais, ao menos, pelo que vimos nos dados aqui discutidos e analisados, é necessário que pensemos em modos, maneiras, formas de garantir que crianças tenham seus direitos assegurados e que suas escolhas possam ser feitas a partir de critérios diferentes dos critérios comumente utilizados pelos adultos e pelas adultas.

Sem dúvida, estamos diante de uma problemática que merece maior aprofundamento e discussão, porém é imprescindível que seja posta em causa, em destaque e motive mais estudos e investigações, possibilitando melhor e maior compreensão de como podemos fazer valer as escolhas de nossas crianças, entretanto, protegendo-as de estratégias capitalistas e neoliberais que, ao fim de tudo, não parecem mesmo preocupadas com os meninos e as meninas.

Referências

- ANDRÉ, Marli. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papirus, 2012.
- ARIÈS, Phillippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 2014.
- AUBERT, Nicole ; GAULEJAC, Vincent. **Le Coût de l'Excellence**. Paris: Seuil, 1991.
- BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. 19 ed. São Paulo: Cultrix, 1999.
- BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.
- BOJUNGA, Lygia. **A bolsa amarela**. 35 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- CORSARO, William. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed; 2011.
- DEMO, Pedro. **Educar Pela Pesquisa**. 8 ed. Campinas: Autores Associados, 2007.
- DONZELOT, Jacques. **A polícia das famílias**. Rio de Janeiro, editora Graal, 1980.
- ELKIND, David. **Sem tempo para ser criança: a infância estressada**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- FERREIRA, Fernando. **O local em Educação: animação, gestão e parceria**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.
- FERREIRA, Hugo. **A literatura na sala de aula: uma alternativa de ensino transdisciplinar**. 2008. 377 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.
- FERREIRA, Hugo; MELO, Bruno. A pesquisa Transdisciplinar: as infâncias, as adolescências, as juventudes. In: ----- . **Infâncias, Adolescências e Juventudes: a pesquisa transdisciplinar**. Organização Hugo Monteiro Ferreira. Recife: Editora CRV, 2021. p. 21-44.
- FILHO, José. **A criança terceirizada: os descaminhos das relações familiares no mundo contemporâneo**. São Paulo: Papirus, 2009.

GAULEJAC, Vincent. **La Névrose de Classe. Trajectoire Sociale et Conflits d'Identités**. Paris: Hommes et Groupes Editeurs, 1987.

GRAY, Paul *et. al.* **The Research Imagination: An Introduction to Qualitative and Quantitative Methods**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012 doi:10.1017/CBO9780511819391

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder: crianças e a literatura fantástica**. 3 ed. São Paulo: Summus, 1980.

LIRA, Cynthia Ferreira. **A criança em tempos de adultização: reflexões transdisciplinares na educação infantil**. 2016. 106 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Pernambuco, Nazaré da Mata, 2016.

LIRA, Cynthia; FERREIRA, Hugo. Adultização infantil. **Leitura Em Revista**: revista virtual do Instituto Interdisciplinar de Leitura – PUC, Rio de Janeiro, n. 11, out. 2018. Disponível em: <https://iiler.puc-rio.br/leituraemrevista/index.php/LER/article/view/135>. Acesso em: 12 jan. 2022.

MACHADO, Alessandro; FERREIRA, Hugo. A intuição como fundamento do ensino das artes em tempos de revisão paradigmática. **Revista Digital Do LAV**: revista virtual da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, v. 8, n. 2, mai.-ago. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1983734819868>. Acesso em: 14 jan. 2022.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MCCLIMANS, Leah. The Art of Asking Questions. **International Journal of Philosophical Studies**, v. 19, n. 4, 2011. Disponibilidade em: https://www.researchgate.net/publication/14873576_Assessing_the_need_for_health_status_measure. Acesso em: 14 jan. 2022.

FERREIRA, Hugo; LIRA, Wagner. Bullying Escolar: Disciplinaridade, Transdisciplinaridade e Lógica do Terceiro Incluído. **Olhares**: revista virtual do departamento de educação da UNIFESP, São Paulo, v. 9, n. 1, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34024/olhares.2021.v9.11547>. Acesso em: 10 jan. 2022.

MOREIRA, Daniel. **O método fenomenológico da pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

NARODWSKI, Mariano. Adeus à infância (e à escola que a educava). In: ----- **A Escola Cidadã no contexto da Globalização**. Organização Luiz Heron da Silva. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 172-77.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. 4 ed. São Paulo: LTC, 1987.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 2012.

PROUT, Alan. **The Future of childhood: towards the interdisciplinary study of children**. London: Routledge Falmer, 2005.

ROTTERDAM, Erasmo. **De Pueris: dos Meninos**. 2 ed. São Paulo: Editora Escala, 2008.

WINNICOTT, Donald. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Recebido em: 02 de dezembro de 2021.
Aceito em: 16 de dezembro de 2021.